

Estado de Mato Grosso
Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior
Universidade do Estado de Mato Grosso
Campus Universitário de Pontes e Lacerda
Departamento de Letras

**A Construção do Personagem e sua
representatividade dentro da obra
*“O Meu Pé de Laranja Lima”***

Vandilma Maria Teófilo

82.09
T314C

Ex 1
C 9256 9600

Pontes e Lacerda, dezembro – 2002

BIB	U	CA
CENTRO DE AT		
Campus de Pontes e Lacerda - MT		
RG N°	9491	
Data	14, 08, 03	

Estado de Mato Grosso
Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior
Universidade do Estado de Mato Grosso
Campus Universitário de Pontes e Lacerda
Departamento de Letras

**A Construção do Personagem e sua
representatividade dentro da obra
*“O Meu Pé de Laranja Lima”***

Ensaio monográfico apresentado à UNEMAT/
Campus Universitário de Pontes e Lacerda como requisito final para a obtenção do grau de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof^a. Ediliane
Gonçalves

Pontes e Lacerda, dezembro – 2002

**“Tu te tornas eternamente responsável por
aquilo que cativas.”**

Saint Exupéry

Dedico este trabalho aos meus filhos Gustavo e Daniel Filipe que juntamente comigo suportaram e conseguiram vencer todas as barreiras. Também dedico ao Daniel, que durante todos estes anos me deu apoio e incentivo para que eu concluísse o curso com êxito.

Agradeço à minha mãe que desde quando iniciei minha vida escolar esforçou-se para que eu prosseguisse e sempre esteve presente. À minha irmã Vanderléia e a minha sobrinha Gislaine que no início deram-me apoio total e cuidaram dos meus filhos. Agradeço em especial minha companheira Simone que durante estes anos foi mais que amiga, foi irmã, esteve sempre presente e ofereceu seu ombro amigo.

Às amigas Dayane, Diva, Edna, Miriã, Marisa por serem companheiras autênticas e acreditarem em minha prosperidade. Agradeço também à minha orientadora Ediliane pela sua paciência e atenção para comigo.

Sumário

I – Apresentação-----	7
II – A Literatura Infantil e seu percurso-----	8
III – Descobrir às vezes dói-----	14
IV – Eterna Fantasia: O Pé de Laranja Lima-----	20
V – Eterno real: O amigo Portuga-----	24
VI – Considerações Finais-----	28
VII – Bibliografia-----	29

Apresentação

Pensar em elaborar um trabalho na área de Literatura é ter a certeza de se deparar com questões humanas. Questões estas representadas sobre vários ângulos, não em uma totalidade do ser, mas no que é possível captar das relações humanas com a realidade.

Não teria como abordar a leitura diferentemente da criança e do adulto, há apenas uma relevância, a criança está ainda concebendo maturidade para si, o que faz com que ela veja o mundo de outra óptica. Assim sendo, a Literatura Infantil traz em si, marcas de uma emancipação. O leitor mirim assim que lê, reconhece, no texto parte de sua identidade. Isso nos motivou a trabalhar neste ensaio monográfico com uma obra que se enquadra na Literatura-Infantil.

Há muitas obras consideradas consagradas voltadas para o público-infantil, mas há outras, que não receberam o reconhecimento merecível e são tão artísticas quanto às outras, porque falam em sentido profundo. Foi exatamente por este fato que nós nos sentimos motivados a analisar uma destas obras não tão cânone.

O Meu Pé de Laranja Lima é uma destas obras muito criticadas, por ser considerada sem valor artístico, ou melhor o peso da verossimilhança deixa a desejar. Todavia, ao analisarmos o personagem protagonista desta obra, tivemos a oportunidade de verificar a grandeza de seu *STATUS* literário. O personagem desta história através de massas verbais, comunica com seu leitor, de forma coerente, lógica e pluralística.

Não poderíamos deixar de observar que há muitas críticas tecidas sobre esta obra, mas também há muitos elogios. O livro já foi publicado aproximadamente cinquenta e nove vezes e também foi traduzido em cerca de dezessete idiomas. Tudo isso porque José Mauro de Vasconcelos escreve de forma simples e autêntica, que atrai um público não só infantil mas de todas as idades.

Contudo, nós estaremos analisando a construção do personagem, suas características equivalentes ao seu comportamento. Este, aos poucos, vai sendo moldado de modo que contribui de forma significativa e conduz o leitor juntamente com “Zezé” a transitar num mundo fantástico que permeia o real e o imaginário.

A Literatura Infantil e seu percurso

A Literatura Infantil apareceu durante o século XVIII, época esta em que a instituição familiar tornou-se decretada e conseqüentemente a infância passou a ser vista como uma fase especial dentro da família em geral. Antes porém, o mundo infantil não existia, a criança trabalhava e participava da vida pública igualmente a um adulto, menos nos processos decisórios nos quais era submissa. Através de processos sociais e políticos com visão capitalista, institui-se a família, a família burguesa.

A partir desta organização da família como núcleo, os membros familiares passaram a gozar uma certa liberdade interna, o sistema era o patriarcal e a função materna assumiu o ambiente doméstico, a mulher então adquiriu um novo papel social. Neste contexto, a preservação da infância passou a ser um objetivo de vida, mesmo neste espaço restrito, até então, eficiente.

Assim sendo, a criança passa a deter um novo papel na sociedade e conseqüentemente, motiva a indústria a investir no mundo infantil com a elaboração de variados objetos como brinquedos e livros, além da expansão da psicologia infantil e a pedagogia. Mesmo assim, a criança é vista como frágil, desprotegida e totalmente dependente, que necessita ser moldada de acordo com a sociedade na qual está inserida. Aqui entra a escola para moldar esta criança burguesa, assumindo o papel de transmissora de cultura. Desse modo, a escola passa a ser um instrumento de dominação desse ser considerado incapaz, então a pedagogia e a literatura incorporaram papéis imprescindíveis na vida dessa criança desempenhando papel formador.

A literatura no século XVIII estava em alta, mas não era aceita com um gênero singular, autônoma e sim como instrumento da pedagogia, como comenta BAÜMGARTNER quando diz que *a literatura infantil é primeiramente um problema pedagógico, e não literário*.¹ (Zilberman & Cadernatori apud, Baungärtner Alfred Clemens, 1978, p. 121) Portanto, percebemos que o texto literário considerado “menor” servia apenas como um recurso de apoio para transmitir valores sociais. Entendemos, dessa forma, que por “status político” e interesse dos adultos, uma nova imagem infantil foi projetada, pois a criança continua manipulada pela escola, pois esta endossa valores da burguesia. No entanto, este quadro crítico entre a literatura e a pedagogia pouco mudou, a escola nos dias atuais da seqüência a este modelo dominante como aponta ZILBERMAN:

¹ ZILBERMAN, R. & CADERMATORI, L. M., *O Estatuto da Literatura Infantil: autoritarismo e emancipação* 3 ed. São Paulo: Ática 1987

E, até hoje, a literatura infantil permanece como uma colônia da pedagogia, o que lhe causa grandes prejuízos: não é aceita como arte, por ter uma finalidade pragmática; e a presença deste objetivo didático faz com que ela participe de uma atividade comprometida com a dominação da criança.²

Esta problemática entre a literatura e a educação é crítica, pois o desprestígio com o literário desmotiva o público infantil a ter gosto pela leitura, além de tornar o espaço da sala de aula desvinculado com o exterior, pois a arte literária não serve de subsídio para se alcançar o objetivo da pedagogia porque ... *a arte tem outros desígnios e desejos. A criança também.*³ E a escola como mera reprodutora, torna-se um universo a parte, seu espaço é aberto à normas e valores da classe dominante.

A literatura infantil é autônoma pois a criança para decodificar signos precisa ter passado pela pedagogia, ou seja, aprender as letras, mas por outro ângulo é possível fazer leituras significativas sem decodificar signos, CADEMARTORI expressa isto quando afirma que *a escrita não pode traduzir correspondentemente a fala por ser bem menor sua capacidade de expressar sentimentos e emoções.*⁴ E isto surpreendentemente a obra literária expressa, fazendo aflorar ao leitor o lado sensível da vida, a possibilidade de desmascarar seu meio, ligando-o ao verossímil e ampliando seus horizontes.

Desta maneira, a pedagogia e a escola desde o século XVIII até o século atual, continuam desempenhando seu papel formador, que embora distintos ambos interferem nas fases do raciocínio infantil. Fica explícito que a literatura é completamente descomprometida do utilitário – pedagógico, porque ela extravasa os limites. Segundo ANTONIO CANDIDO, a *literatura não corrompe, nem edifica, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos de bem e o que chamamos de mal, humaniza em sentido profundo por que faz viver*⁵ e o leitor precisa ter acesso a este mundo sem limites. A criação literária revela uma visão original da realidade, fazendo com que o leitor investigue ao seu redor de forma palpável e lógica, para assim compreendê-lo.

Apesar de todos os pontos distorcidos em torno da literatura infantil, ela vem se expandindo muito e cada vez mais conquistando seu público mirim, porque ela é autônoma e singular, por isso ela corresponde às expectativas de seu leitor. Segundo ZILBERMAN

...a criação artística é uma mensagem que se orienta necessariamente para o seu receptor, reproduzindo, neste aspecto, o processo usual de comunicação. Mas ela se particulariza na medida em que provoca um

² ZILBERMAN, Regina. *A Literatura Infantil na Escola*. 9 ed. São Paulo: Global, 1994, p. 14.

³ PALO, Maria José. OLIVEIRA, Maria Rosa de. *Literatura Infantil. Voz de Criança*. 3 ed. São Paulo: Ática, 2001, p. 7.

⁴ CADEMARTORI, Lúcia. *O que é Literatura Infantil*. 6 ed. São Paulo: Brasiliense: 1994, p. 81.

⁵ CANDIDO, Antonio. *O direito à literatura*. In: *Vários escritos 2000*. Nassim

*estranhamento; portanto precisa ser sempre uma mensagem original, uma criação ampla no sentido do vocábulo, o que lhe assegura o caráter permanentemente renovador.*⁶

Assim, o leitor tem a possibilidade de romper com os padrões até então vigentes através principalmente da linguagem, por que a obra literária expõe as contradições de uma sociedade ou época, como espécie de denúncia, conduzindo o leitor a uma postura crítica perante a realidade que o cerca.

Desse modo, a literatura infantil é um gênero de expressão que desconhece limites específicos, ele pode provocar diferentes reações, uma vez que engloba histórias veristas, fantásticas, envolvendo animais personificados, representa problemas existenciais e vários outros, permitindo dessa forma separar o que está unificando como também aproximar o que é distinto.

Leitor e personagem, processo de identificação

Vimos anteriormente que através da leitura, o leitor pode ampliar seus horizontes e enriquecer seu domínio lingüístico, além disso, há também um vasto campo no qual o literário faz significar, pois ler é suscitar o imaginário, é uma possibilidade de descobrir um mundo embebido de conflitos, fatos, ou até mesmo, defrontar-se e enfrentar a si mesmo.

O ato de ler, principalmente para uma criança, pode muito significar, pois o *ler relaciona-se com o desenvolvimento lingüístico da criança, com a formação da compreensão do fictício, com a credulidade na história e a aquisição do saber.*⁷ Com isso, o leitor apreende aquilo que a escola não preenche: o domínio da realidade empírica.

Desse modo, ao ler uma história, o leitor procura uma identificação com o texto, e dentre os elementos estruturais de uma narrativa, o principal elemento é *o personagem o qual dá ação aos fatos e acontecimentos da seqüência narrativa, movimentando-se num tempo e espaço específico...*⁸ comenta KHEDE.

Personagens não são pessoas, são seres criados com certa peculiaridade dentro de um trabalho artístico, por exemplo dentro da arte literária. Para ANTONIO CANDIDO

A personagem deve dar a impressão de que vive, de que é como um ser vivo. Para tanto, deve lembrar um ser vivo, isto é, manter certas relações

⁶ ZILBERMAN, Regina. Op. Cit., p. 68

⁷ KHÉDE, Sônia Salomão. *Personagens da Literatura Infanto-Juvenil*. São Paulo: Ática, 1991, p. 9.

⁸ Idem ibidem n. 68

*com a realidade do mundo, participando de um universo de ação e sensibilidade que se possa equiparar ao que conhecemos na vida.*⁹

Exatamente por isso, personagens não são pessoas, mas lembram pessoas, pois mesmo que quisesse, a arte literária não poderia representar o ser humano em sua totalidade existencial, pois o seu pensamento e suas ações são infinitas e inatingíveis. Entretanto, este ser humano representado no mundo ficcional possui contornos definidos e com certa transparência.

Para compreender melhor a ficção, precisamos afastar-nos do mundo real e nos apossarmos do mundo simbólico de modo que ao retornarmos ao real, nos tornaremos mais conscientes de nossa profundidade enquanto ser, ou melhor, nossa visão tornar-se-á mais aguçada em relação a nós mesmos.

Para tanto, o personagem faz com que o enredo se movimente, ele é ação, é a peça viva dentro da narrativa, é linguagem. O autor dá forma nítida a este ser e o faz verossímil.

Assim sendo, nosso objeto de pesquisa está voltado para a configuração do personagem protagonista, sua construção dentro da narrativa, visto de vários ângulos principalmente seu comportamento voltado para psicanálise, a fim de verificar o perfil deste ser, sua existência, seus conflitos, seu espaço, suas fantasias, além de outros elementos considerados pertinentes.

Este personagem faz parte da obra *“O Meu Pé de Laranja Lima”* de José Mauro de Vasconcelos, praticamente retrata o autor enquanto criança. Zezé, o personagem protagonista é um garotinho que muito cedo descobriu a dor. Ele sobrevive com todas as dificuldades de uma família típica brasileira, o pai é desempregado, a mãe funcionária de uma fábrica. Ele tem quatro irmãos com os quais divide seu dia-a-dia, com isso ele aprende a viver sozinho fazendo terríveis diabruras.

Contudo, ele é criativo e inventa para si um mundo particular repleto de significados, cria relações verdadeiras, para isso transita entre o real e o imaginário a fim de amenizar seus conflitos existenciais. Ele é um personagem contemporâneo e se enquadra numa narrativa aberta, ou seja, um personagem de tipologia esférica, pois é conflituoso, inquieto e inconformado com seu mundo real, é persistente com sua vontade de ser poeta e usar gravata de borboleta. Para KHÉDE; *uma personagem poderá se apresentar fragmentariamente porque representa a crise de identidade, a busca de um novo papel social ou os desconcertos diante valores velhos e novos que lhe parecem igualmente novos.*¹⁰ Dessa forma a Literatura

⁹ CANDIDO, Antonio et al. *A personagem de ficção*. 9 ed. São Paulo: Perspectiva, 1995, p. 65.

¹⁰ KHÉDE, Sonia Salomão. *Personagens da Literatura Infantil* 2 ed. São Paulo: Ática, 1990, p. 57.

Infantil incorpora em seus personagens o verdadeiro perfil do leitor enquanto detentor de seus conflitos.

Através de uma construção lingüística-literária, José Mauro de Vasconcelos, deu forma e ação ao seu personagem Zezé, espelhando-o ao Brasil de sua época, pois como dissemos anteriormente, Zezé é criado representando seus conflitos sociais envolvendo uma grande crise psicológica que percorre do início ao fim da narrativa. Para KHÉDE os personagens representam os perfis culturais e sociais de sua época e nós nos identificamos com eles, reconhecemos neles parte de nossa identidade e de nosso imaginário por eles configurado.¹¹

Com certeza, esta atitude do autor em forma de denúncia representa um desabafo. Em uma nota sobre o autor, ele confessa que "*O Meu Pé de Laranja Lima*" saiu em doze dias. Porém estava dentro de mim há anos, há vinte anos.¹² E o livro foi publicado em 1968. Subtende-se dessa forma que este personagem foi pensado durante 20 anos, pouco antes da candidatura de Getúlio Vargas à presidência da República. Assim, o personagem Zezé traz em si seqüelas de uma época crítica e castigada pela ditadura militar.

Durante este espaço de 20 anos, o Brasil passou por um período político crítico, a disputa pelo poder era acirrada, a ditadura favorecia a classe alta enquanto a classe baixa lutava pela sobrevivência. O quadro político pouco mudou com o passar dos anos, mas a ditadura sofria pressão por parte da oposição, embora muitos brasileiros já haviam sido exilados do Brasil, alguns tinham sido presos e outros até mortos por terem se manifestado contra o tal sistema.

Mesmo assim, o governo garantia a resistência, através de leis tomava medidas que garantiam o poder. Já em 1968 o governo pressionado pelas greves dos operários e com manifestações estudantis de protestos em todo país, não vencidos por leis anteriores, assinou o Ato Institucional nº5, em 1968 o governo fazia os últimos ajustes essenciais para a manutenção e o exercício do poder, que se voltava para a consolidação dos interesses da burguesia¹² (ZILBERMAN E LAJOLO). Desse modo, o governo se fortalecia e os opositores tornavam-se desarmados perante o poder. Uma vez fortalecida a classe alta e o governo, a situação se agravava, pois Ato Institucional nº5 concedia amplos poderes ao ditador, o governo podia tomar qualquer decisão drástica, o medo tomava conta do Brasil.

¹¹ Idem, ibidem p. 12.

¹² VASCONCELOS, José Mauro de. *O Meu Pé de Laranja Lima*. 58 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1989.

¹² LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil Brasileira – Histórias e Histórias*. 6 ed. São Paulo: Ática, 1999. p. 130

Comentam os historiadores VILLA e FURTADO que o Brasil nesta época registrou altas taxas de crescimento econômico, muitas empresas se instalaram no Brasil e os grandes fazendeiros eram incentivados a produzir para exportar. Enquanto a classe baixa permanecia no silêncio angustiante, o dinheiro que o Brasil produzia era desviado pela corrupção.

Eles registraram ainda que a classe baixa era marginalizada, as cidades cresciam a cada dia e a situação se agravava tudo isso devido à *intensificação do êxodo rural, o crescimento das favelas, a violência urbana, o aumento da mortalidade infantil, o abandono do ensino público e a decadência do sistema estatal de saúde*.¹³ Tudo isso em consequência da má distribuição de renda.

E Zezé representa também esta crise brasileira. Podemos observar isso em uma das conversas entre ele e seu irmão Totoca, a respeito da mudança para nova casa.

*— Você que quer saber tudo não desconfiou o drama que vai lá em casa. Papai está desempregado, não está? Ele faz seis meses que brigou com Mister Scottfield e puseram ele na rua. Você viu que Lalá começou a trabalhar na fábrica? Não sabe que a mamãe vai trabalhar na cidade, no Moinho Inglês? Pois bem seu bobo. Tudo isso é pra juntar um dinheiro e pagar o aluguel dessa casa nova. A outra, papai já está devendo oito meses. Você é muito criança para saber dessas coisas tristes.*¹⁴

É com esta aparência da realidade que o leitor se identifica, reconhecendo no personagem parte de sua identidade. Desse modo compreendemos que o literário, por adotar o princípio da verossimilhança, abarca um vasto campo real no qual transita um ser “vivo” *coerente, despido de máscaras, no qual as próprias idéias assumem o papel de personagens múltiplas, inquietas, imprevistas*¹⁵, que numa espécie de denúncia, vão retratando o quadro instável do ser humano.

¹³ VILLA, Marco Antonio. FURTADO, Joaci Pereira. *História do Brasil. Da independência aos nossos dias*. São Paulo: Moderna, 2001, passim.

¹⁴ VASCONCELOS, José Mauro de. op. Cit., p. 16

DESCOBRIR AS VEZES DÓI

O personagem Zezé tinha apenas cinco anos e incompreendia tudo o que acontecia em seu meio social, com isso sofria à medida que se deparava com seu cotidiano. Isso ocorre, graças ao jogo de palavras bem arrançadas na narrativa que aos poucos ia dando contorno ao personagem, pois ele é ao mesmo tempo narrador.

Este artifício empregado nesta narrativa onde o personagem expressa a si mesmo, segundo BETH BRAIT, *assume a forma de um romance de memórias*, no qual o discurso procura presentificar a personagem expondo sua interioridade de forma a diminuir a distância entre o escrito e o vivido.¹⁶ Assim é que se expõe a vida e os momentos decisivos da existência a cada página que se segue. Podemos perceber esse recurso no trecho:

A gente vinha de mãos dadas sem pressa de nada pela rua. Totoca vinha me ensinando a vida. E eu estava muito contente. Eu estava muito contente porque meu irmão mais velho estava me dando a mão e ensinando as coisas fora de casa. Porque em casa eu aprendia descobrindo sozinho e fazendo sozinho, fazia errado e acabava tomando umas palmadas. Até pouco tempo ninguém me batia. Mas depois descobriam as coisas e vivem dizendo que eu era o cão, que eu era o capeta, gato russo de mau pêlo.”¹⁷

Nesse trecho extraído, das primeiras páginas do livro, logo de início notamos a presença do pronome possessivo me: “ninguém me batia” isso funciona como uma espécie de introdução do personagem e esta caracterização empregada pelo narrador já nos induz a formar um certo conceito deste personagem, o meio no que se insere, sua maneira de ser, seu cotidiano. Tudo isso sob a ótica do narrador que é também personagem, isso graças às leis que regem a ficção, ANTONIO CANDIDO comenta isso: *no romance, podemos variar relativamente a nossa interpretação da personagem, mas o escritor lhe deu, desde logo, uma linha de coerência fixada para sempre delimitando a curva de sua existência e a natureza de seu modo de ser.*¹⁸

Tal linha de coerência nos remete a um todo do personagem através da construção sintática das frases, caracterizando o sujeito.

A apresentação do personagem, anunciado até aqui, nos permite formular o conceito de Zezé. Era um garoto ativo, curioso e ao mesmo tempo peralta, aprendia quase tudo

¹⁵ SCHÜLER, Donald. *Teoria do Romance*. São Paulo: Ática, 2001, p. 77

¹⁶ BRAITH, Beth. *Estudo da personagem*. 6 ed. São Paulo: Ática, 1998, passim.

¹⁷ VASCONCELOS, José Mauro de. op. cit., p. 16

sozinho. Por ter apenas cinco anos e pertencer a uma família de classe baixa; não compreendia os fatos que aconteciam ao seu redor e isso refletia em sua vida. Ele não se conformava com a pobreza, e a falta de dinheiro lhe trazia revolta, o natal para Zezé era um sacrifício. Ele declarou:

... E por que o Menino Jesus não é bom pra gente? Vai na casa do Dr. Faulhaber e veja o tamanho da mesa cheia de coisas. Na casa dos Villas Boas também. Na casa do Dr. Adauto Luz nem se fala...

_ Por isso que eu acho que o Menino Jesus só quis nascer pobre para se mostrar. Depois ele viu que só os ricos é que prestavam...¹⁹

Diante desta declaração, percebemos que Zezé era um garoto inconformado com seu meio, isso gerava um certo conflito em sua mente e a cada passo, descobria a situação financeira dos outros e comparava-a à sua, seu conflito aumentava ainda mais.

Por fazer parte deste meio, Zezé, às vezes, se rebelava e ofendia a irmã que o maltratava, dizia palavras que a magoava: *_ Diaba ruim! Russa de mau pêlo! Tomara que você se case com um soldado raso, desses que não têm nem um tostão para engraxar a perneira²⁰.*

Em outro momento, xingava-a para se vingar das surras, que ela constantemente o dava: *_ Puta! Filha de uma puta!...*

_ Ela é uma puta. Assassina²¹

Toda esta situação, representa o reflexo de sua vida conturbada, de uma família sem estrutura para resolver os desacertos do lar.

Para melhor compreendermos o comportamento deste personagem em foco, nos limitaremos as pesquisas de HALL e LINDZEY; dois estudiosos norte-americanos que desenvolveram um amplo estudo voltados à personalidade. Para isso eles estudaram várias teorias psicanalistas e elaboraram uma coleção intitulada *Teorias da Personalidade*, esta envolve uma vasta lista de teóricos como Angyal, Jung, Goldstein, Freud, Murphy, Murray e outros, porém apenas dois destes teóricos nos bastam, para melhor entendermos a complexidade do comportamento humano, são eles: Murray e Freud. Ambos se dedicaram à pesquisas com o objetivo de definir e entender a personalidade da “máquina humana”.

Primeiramente HALL e LINDZEY apresentam a concepção de Murray. Para eles, conhecemos mais as possibilidades do indivíduo quando temos uma descrição não apenas de

¹⁸ CANDIDO, A. 1995. op. cit., p. 59

¹⁹ VASCONCELOS, José Mauro de. op. cit., p. 48

²⁰ Idem, Ibidem, p. 40

seus motivos ou tendências, mas também da maneira pela qual ele vê ou interpreta seu meio.

Assim, eles descobriram que MURRAY organiza a personalidade numa espécie de hierarquia. Nesta hierarquia, dois pontos apenas nos bastam: *a necessidade*²² e *a pressão*²³ para decifrar o personagem Zezé, visto que para Murray, a personalidade é o agente organizador e administrador do indivíduo, pois ela tem a função de *integrar os conflitos e pressões a que o indivíduo está exposto, de modo a satisfazer as necessidades e a permitir que o indivíduo atinja objetivos futuros*.²⁴ Compreende-se então que o comportamento pode manifestar alguns aspectos da personalidade.

Segundo os autores, há uma grande interação de sujeito-objeto ou sujeito-sujeito, ou melhor, o sujeito faz parte de um contexto histórico e social no qual lida automaticamente com procedimentos internos (consigo mesmo) e externos (o meio que o cerca). Com isso ele tende a estabelecer uma situação de equilíbrio e sempre em busca de seu ideal, o que faz com que sua personalidade sofra transformações.

Nessa linha hierárquica, citada anteriormente, entendemos que a chave de compreensão do ser humano é descobrir a sua *direcionalidade*²⁵, para que haja motivação, para isso é preciso falar de necessidade, visto que uma interfere na outra. *Cada necessidade é acompanhada, de um determinado sentimento e emoção (...) para satisfazer sua inclinação. Pode ser débil ou intensa, momentânea ou duradoura*.²⁶ Das necessidades citadas, algumas se fazem presentes na vida de Zezé, tais como: *realização*- Zezé sentia uma necessidade enorme de realizar seus sonhos principalmente no natal, ver uma mesa farta, presentes e todos felizes em casa, sentia também a necessidade de sentir-se bem financeiramente para vestir-se melhor, se exibir na escola e acima de tudo o desejo de ver o pai bem empregado. Outra necessidade é a de *proteção*- proteger-se das agressões sofridas tanto no lar como na rua com os colegas, na escola. Buscava sempre recursos em sua defesa: negociava, vendia, comprava, trabalhava. A *auto-defesa física e psíquica*- são outras duas necessidades de Zezé, como era

²¹ Idem, Ibidem, p. 136

²² O termo necessidade aqui empregado, refere-se à falta de algo indispensável. Segundo Murray, uma necessidade é um construto que representa uma força...na região cerebral, uma força que organiza a percepção, a apercepção, a inteligência, a conação e a ação, de modo a transformar, em uma certa direção, uma situação insatisfatória existente.

²³ Segundo os autores aqui citados, a pressão representa determinantes do meio externo que são efetivos ou significativos para o comportamento. *A pressão é a propriedade ou atributo, de um objeto ou pessoa do meio que facilita ou impede os esforços do indivíduo para alcançar seu objetivo*.

²⁴ HALL, Springer. LINDZEY, Gardner. *Teorias da Personalidade*. vol. 2. 18 ed. São Paulo: EPU. 1984, p. 5.

²⁵ Segundo os autores, a direcionalidade está ligada à motivação presente na vida do ser humano, às atividades básicas, como: esforço, busca, aspiração, desejo, vontade. Tudo isso é a chave de compreensão do comportamento humano.

²⁶ HALL e LINDZEY op cit p 9

fraco em todos os aspectos, a defesa simplesmente não lhe bastava, aí então apelava para a auto-defesa, xingava, brigava, respondia, chorava, entristecia, com o objetivo de sobressair-se. As duas últimas necessidades são o *apoio* e a *compreensão* - buscava o apoio, principalmente da irmã, Glória, quem o socorria sempre das surras, procurava se explicar das peraltices para ser compreendido mas poucas vezes obtinha sucesso.

Diante disto, percebemos Zezé inquieto com suas necessidades. A busca constante de realização, fez dele um garoto que estava automaticamente descobrindo a vida. De acordo com o autor aqui mencionado, há necessidades conhecidas e desconhecidas; a segunda produz um conflito maior no ser humano pois são incontroláveis. Além disso, há certas necessidades que se tornam dominantes e quando não são satisfeitas causam um desequilíbrio emocional pois impedem o indivíduo de atingir seus objetivos. Esse fato gera uma espécie de bloqueio, que é consequência das pressões sofridas.

Zezé vivia em constante pressão. Podemos observar uma delas após xingar a irmã para se vingar e descarregar sua tensão.

Ela apanhou a mão de couro sobre o cômoda e começou a me bater sem piedade. Virei as costas e escondi a cabeça entre as mãos (...)

*E ela batia, batia a ponto de eu ter caído de joelhos...*²⁷

Zezé estava ocupado construindo um balão, a irmã chamou-o para tomar banho, ele pediu que ela esperasse um pouco. Ela não esperou. Então a pressão exercida sobre ele foi automática, o poder de dominação da irmã sobre o irmão, impedia-o de sentir-se livre, o que lhe causou revolta e gerou agressividade.

Este conceito de dominação, pairava também sobre outros componentes da família. O pai, a quem ele tanto admirava, submetia-o também sob tal pressão. Certo dia, ele cantava uma música para o pai ouvir, sem ter noção das expressões empregadas na letra da música. Ele cantou e o pai pediu que a repetisse, num tom irônico, de autoridade, então ele repetiu a música:

*Eu quero uma mulher bem nua ...*²⁸

Imediatamente o pai arremessou-lhe duas bofetadas. Pediu que ele repetisse novamente e ele repetiu, e mais duas bofetadas. Não achou suficiente deu-lhe uma surra:

*O cinto zunia com uma força danada sobre o meu corpo. Eu fui caindo, me encolhendo no cantinho da parede. Estava certo que ele ia me matar mesmo.*²⁹

²⁷ VASCONCELOS, José Mauro de. op. cit., p. 136.

²⁸ Idem, Ibidem, p. 141

²⁹ Idem Ibidem, p. 147

MURRAY classifica este tipo de comportamento familiar em três tipos de pressão: *a agressão, a dominância e a rejeição*. Zezé era atacada várias vezes seguidas sem lhe darem o direito de explicar suas atitudes; por ser uma criança, ele era submetido aos agressores através de um poder abusivo; também sentia-se rejeitado devido aos maus tratos, pois apenas ele apanhava de forma brutal.

Seguindo a mesma idéia, sobre o que a pressão determina, destacamos alguns itens presentes no quadro comportamental do personagem Zezé. Primeiramente a falta de *apoio familiar*. Zezé era um garoto ativo, curioso, que gostaria apenas de viver com um pouco de conforto, o que no momento lhe era impossível, e isso lhe revoltava, a família (exceto Glória, a irmã que ele mais gostava) não lhe dava apoio, apenas lhe classificavam como *o capeta, gato russo de mau pêlo*. Isso lhe entristecia. Outro item em destaque é a *pobreza* – para Zezé era a pior causa da situação de sua família, o fato de ter e ver o pai desempregado lhe incomodava, porque acarretava uma série de conseqüências como no natal, a falta de presentes e comida causava uma grande revolta para todos e principalmente a ele.

O *apoio* e a *procura de afeto* afetavam gravemente a vida de Zezé. A mãe, a principal figura trabalhava na fábrica, o pai vivia calado porque não conseguia arranjar emprego. Apenas a irmã Glória lhe dava um pouco de carinho, mas não o suficiente que corresponda a uma criança de cinco anos; então ele estava sempre em busca destes requisitos em seu dia-a-dia.

Além destes itens citados ainda há a *decepção* e a *inferioridade social* – ele estava sempre decepcionado com sua vida pobre, sua família, às vezes, consigo mesmo o que lhe fazia sentir-se inferior aos outros na rua, na escola, em casa. Não havia um meio viável e sólido com que ele pudesse contar, a menos depois que ele conheceu o amigo Portuga, mas ele era um amigo secreto, o seu mundo familiar era apagado e amargo. Em conseqüência destas e outras pressões, Zezé tornou-se produto de seu meio.

Assim sendo, na vida do ser humano, quando surge uma necessidade no seu cotidiano que não possa ser satisfeita, cria-se o conflito que MURRAY chama de tensão. Quando surge uma necessidade, o indivíduo entra em estado de *tensão*³⁰, a qual se reduz uma vez satisfeita a necessidade. Na vida de Zezé, tal tensão angustiava-o em conseqüência de sua vida em sociedade.

De um ponto de vista bem real, compreende-se que esta situação não permite a uma criança estruturar sua vida. De acordo com BETTELHEIM, *a criança, em cada momento de*

³⁰ O termo tensão aqui empregado, é o mesmo termo o qual empregamos no cotidiano. Estado de tenso, preocupado, angustiado

*sua vida esta exposta à sociedade em que vive, certamente aprenderá a enfrentar as condições que lhe são próprias, desde que seus recursos interiores o permitam*³¹. E Zezé buscava constantemente recursos para auxiliar o seu interior, numa forma de escape, para reduzir sua tensão, e foi na fantasia que ele descobriu um mundo novo, uma forma justificável para ser feliz.

³¹ RETTEI HEIM Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. 15 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. p. 13

Eterna Fantasia: O Pé de Laranja Lima

Mediante os conceitos de necessidade e pressão que abordamos anteriormente, podemos então ter um panorama parcial do personagem Zezé e através dele compreender um pouco do mundo comportamental da criança. Ficou claro, que nós seres humanos, vivemos em constante busca de significados para nossas vidas. Porém, este processo árduo e complexo inicia desde que nascemos, a partir do primeiro suspiro, iniciamos a busca incessante para satisfazer nossos anseios.

Tal fator se complica quando não conseguimos êxito nesta busca, aí então sob todas as pressões do meio externo a tensão nos sobrecarrega e como forma de aliviar as tensões, lançamos mão da fantasia, pois através dela superamos todas as pressões como também concretizamos nossos desejos de uma forma específica e subjetiva.

Vania Resende comenta que a partir de Monteiro Lobato muitos escritores no campo da Literatura Infantil investiram neste jogo da fantasia, dentre esses escritores podemos incluir José M. de Vasconcelos. Ela salienta que *essa nova realidade, alcançada com a ótica do imaginário, relativiza a concepção convencional do mundo, porque através dela, descobrem-se novos prismas – os ocultos – daquilo que, sendo possível na imaginação do escritor, torna-se real.*³²

O personagem Zezé, cria para si o mais fiel companheiro que é o pé de laranja lima. Ao mudar-se para a nova casa, os dois irmãos Glória e Totoca escolheram cada um uma árvore de quintal para brincar e Zezé não pode escolher, o que sobrou para ele foi o pequeno pé de laranja lima, uma pequena arvorezinha ainda em crescimento. Foi difícil aceitar, mas a irmã lhe convenceu, então ele transformou sua árvore em um grande amigo, que recebeu o nome de Xururuca ou Minguinho. A partir de então, ambos viveram grandes emoções entrelaçadas entre o real imaginário e o real convencional.

O mundo imaginário é um espaço individual, onde nossos devaneios permitem que nos tornemos seres egocêntricos.

Zezé criava seus “mundos” onde só ele entendia e era entendido. Em virtude da situação financeira da família, Zezé e o irmão não tinham brinquedos, isso o incomodava. Mas nem por isso ele deixava de brincar e inventar coisas significativas. O quintal era dividido em três lugares onde ele e o irmãozinho brincavam. Lá era o jardim zoológico.

³² RESENDE Vania Maria. *O menino na Literatura Brasileira Perspectiva*. São Paulo: 1988. n. 103

_ *Primeiro vamos comprar o bilhete de entrada. Dê-me a mão que criança pode se perder nessa multidão. Viu como está cheio aos domingos?*
 _ *Até que idade criança não paga?*
 _ *Até cinco anos.*
 _ *Então uma de adulto, faz favor.*
 _ *Primeiro, meu filho, você vai ver que beleza são as aves. Olhe os papagaios, periquitos, araras de todas as cores...*
 _ *E agora, Zezé, o que nós vamos visitar?*
 _ *Vamos passar nas jaulas dos macacos...*³³

Tudo isso, podemos imaginar através da memória do narrador, que nos induz a visualizar a arte de fantasiar do personagem. Neste mundo de Zezé não há problemas, nem pressões. A passagem abaixo, é um diálogo entre ele e Xururuca, nós percebemos como o mundo da imaginação permeia o dia-a-dia do personagem. Neste campo fértil, ele realiza o que almeja em sua vida real.

_ *Mas você fala mesmo?*
 _ *Não está me ouvindo?*
 _ *Por onde você fala?*
 _ *Árvore fala por todo canto. Pelas folhas, pelos galhos e raízes. Quer ver? Encoste seu ouvido aqui no meu tronco que você escuta meu coração bater. (Encostei)*
 _ *Viu?*
 _ *Me diga uma coisa. Todo mundo sabe que você fala?*
 _ *Não. Só você.*³³

A partir daí nasce uma grande amizade entre ambos. O pé de laranja lima passa a ser o confidente de Zezé. Todas as pressões que o sobrecarregam são amplamente divididas com o amigo Xururuca.

O meio que cerca este personagem é complexo, a pobreza, a agressão, a decepção e outros, são requisitos fortes que o conduzem a um apoio externo. O relacionamento dele com o pé de laranja lima é extremamente afetuoso, para ele, esta relação significa algo que falta em seu mundo real convencionado. Segundo BETELHEIM, um adulto consegue pensar antes de agir, já a criança não pensa de modo ordenado, então *as fantasias da criança são seus pensamentos*.³⁴ Entende-se que a criança está em constante imaginar, à medida que ela tenta se entender e entender tudo o que a cerca, ela inventa para si um mundo irreal e através deste consegue conhecer ao seu redor.

³³ VASCONCELOS, José Mauro de. op. cit., p. 27

³³ Idem, Ibidem, p. 33

³⁴ BETTELHEIM Bruno op. cit. p. 150

Zezé reflete isso numa de suas aventuras com Xururuca, este nome era o comum do dia-a-dia e de um modo mais carinhoso, o pé de laranja lima, chamava-se Minguinho.

De repente Minguinho virou o mais lindo cavalo do mundo; o vento aumentou mais e o capinzal meio ralo do valão se transformou numa planície imensa e verdejante. Minha roupa de cowboy estava ajazada de ouro. Relampejava em meu peito a estrela do Sheriff.

— Vamos, cavalinho, vamos. Corre, corre ...

— Plequet — plequet — plequet, já estava reunindo o Tom Mix e Fred Thompson; Buck Jones não quisera vir dessa vez e Richard Talmadge trabalhava noutro filme.³⁵

Com isso, o personagem refugia-se de seu campo de agressões e repousa num mundo harmonioso. Segundo BETELHEIM, as nossas fantasias nos transmitem esperanças e seguranças futuras. E Zezé tinha uma grande esperança de ver pelo menos o pai alegre e com vontade de viver.

Certo dia, Zezé viu o pai profundamente triste por tê-lo magoado, saiu com sua caixa de engraxar sapatos, para ganhar um dinheiro e comprar algo, afim de alegrar por alguns minutos o pai, e comprou para compensar a mágoa.

— Veja papai, comprei uma coisa linda para o senhor.

Ele sorriu compreendendo o quanto custara aquilo.

— O senhor gosta? Era a mais bonita.

Ele abriu a carteira e cheirou o fumo, sorrindo, mas não conseguia dizer nada

...

Olhei papai. O seu rosto barbado, os seus olhos.

Só pude falar

— Papai ... Papai ...

E a voz foi sendo consumida pelas lágrimas e soluços.

Ele abriu os braços e estreitou-me ternamente.³⁶

Contudo, Zezé não tinha a segurança que necessitava da figura paterna e isso também gerava angústia. Porém, através do amigo Xururuca parte desta angústia se consumia quando estavam juntos. A relação entre ambos foi construída de modo que o pé de laranja lima ajudasse Zezé a superar seus conflitos.

Isso, podemos observar em uma passagem, na qual ele solta o seu “passarinho” que mora dentro do peito, é o pensamento na concepção dele, Deus o deu para ajudar a descobrir as coisas.

— Levantei emocionado e abri a camisa. Senti que ele ia saindo do meu peito magro.

— Voa meu passarinho. Bem alto ... Encostei minha cabeça no coração de Minguinho e fiquei olhando a nuvem ir-se embora ...

³⁵ VASCONCELOS, José Mauro de. op. cit., p. 106

³⁶ Idem *Thidem* n. 50

_ *Xururuca.*
 _ *Que foi?*
 _ *Fica feio se eu chorar?*
 _ *Nunca é feio chorar, bobo ...*³⁷

Assim, Zezé conseguia equilibrar suas frustrações de uma forma bem saudável. O mundo imaginário transmitia a Zezé segurança e tranquilidade, além de corresponder aquilo que ele gostaria que fosse real em sua vida. Na verdade, o amigo Minguinho nutria as fantasias de Zezé, as adversidades enfrentadas em sua vida real eram superadas naquele mundo a parte. O pé de laranja lima, às vezes se transformava em um cavalo forte e veloz e Zezé se transformava em *cowboy* que usava esporas, chapéu, pistolas e botas dos artistas de filmes famosos, outras vezes, Minguinho se transformava num grande amigo e conselheiro, destes que só diz o que queremos ouvir, por exemplo o que não ouvimos de bom em nossa casa.

Contudo, podemos observar que Zezé só desenvolvia suas fantasias em torno de ações específicas e superiores ao seu mundo físico, ou seja, no mundo imaginário ele podia ser herói, forte e valente como os grandes *cowboys*, também neste mundo, tudo estava ao seu alcance e ele pode bem dominar suas dificuldades. Daí compreendemos que é através da fantasia que a criança alcança maturidade além de encontrar suporte para superar o lado concreto de sua vida.

³⁷ VASCONCELOS, José Mauro de. *op. cit.* p. 60

Eterno real: O amigo Portuga

Como Zezé era peralta, uma das suas artes preferidas era “brincar de Morcego”, ou seja, pendurar-se nas traseiras dos carros e ir de carona até a escola. Mas sua maior vontade era andar no carro do português Manuel Valadares, o “Portuga”. Seu carro era lindo, novinho e parecia macio. Ele espiou, espiou por vários dias até que conseguiu pegar uma carona, mas decepcionou-se, o português freou bruscamente e ele caiu, ganhou vários puxões de orelha e apanhou debruçado no colo de Portuga. Tal fato só veio a contribuir, aos poucos o português passou a observá-lo de forma diferente e através de um socorro prestado a Zezé no carro de Portuga, uma grande amizade nasceu entre ambos, um foi conquistando o outro pouco a pouco.

Portuga era bem diferente de Zezé, tanto no aspecto físico quanto social. era adulto, forte e carinhoso, tinha uma vida econômica estável, o que possibilitou-o a conquistar a amizade de Zezé. A amizade se solidificou e Zezé agora podia contar com um amigo real. O trecho a seguir comprova isso:

Sempre que ele podia inventava um passeio e foi num desses passeios que ele parou o carro e sorriu para mim.

— Tudo que é meu é teu. Como dois grandes amigos.

Fiquei delirante. Ah se eu pudesse contar a todo mundo que era meio dono do carro mais bonito do mundo.

— Quer dizer então que agora somos completamente amigos?

— Somos.³⁸

Foi um relacionamento oportuno para Zezé, visto que em casa apenas Glória oferecia-lhe uma maior atenção. Esse comportamento é normal na vida da criança, a falta de apoio familiar e a dominância, faz com que ela sinta-se em um círculo limitado, uma espécie de pressão. Aos poucos, isso vai gerando um distanciamento, ou um bloqueio nas relações familiares principalmente com os pais.

Quando a criança atinge esse estágio, ela se refugia procurando carinho e atenção. Segundo BETTELHEIM a medida que o contato da criança com os outros (alheios) amadurece, ela se decepciona com os pais, desilude-se, pois o mundo exterior oferece suportes, aí ela percebe falhas em seus pais e *fica tão desgostosa com eles que se aventura a buscar satisfação em outros lugares*. E este contato com o exterior faz com que ela enfrente novos desafios e sinta-se pequena caminhando em direção às suas necessidades. Para

³⁸ VASCONCELOS José Mauro de, op. cit. p. 136

BETTELHEIM, a criança também, assim como os adultos, está sujeita a sentimentos desesperados de solidão e isolamento. Exatamente por isso que Zezé se aproximou de Portuga, além do Pé de Laranja Lima.

Desse modo, Zezé conseguiu transferir para Portuga todo amor que sentia principalmente pelo pai, porque percebeu que o contato exterior ofereceu-lhe retorno.

Não podemos deixar de observar que este personagem retrata o verdadeiro perfil de uma criança desprotegida e desprezada. Portuga passou a ser um modelo de compreensão e bondade para Zezé, uma pessoa capaz de ajudá-lo a vencer seus conflitos e angústias. Esse contato amadureceu de tal forma que Zezé até queria ser filho de Portuga, podemos observar isso no diálogo abaixo:

- _ *Portuga!*
- _ *(...) eu quero saber com força se você gosta mesmo de mim?*
- _ *Claro, bobinho.*
- _ *Eu estive pensando seriamente. Você só tem aquela filha do encantado, não é?*
- _ *É*
- _ *Você mora sozinho naquela casa com as duas gaiolas de passarinho, não é?*
- _ *É*
- _ *(...) E você disse que gosta de mim, não é?*
- _ *É*
- _ *Então porque você não vai lá em casa e não pede para papai me dar para você?*
- _ *Tu gostarias de ser meu filhinho?*
- _ *A gente não pode escolher o pai antes de nascer. Mas se pudesse eu queria você.*
- _ *Verdade, pirralho?*
- _ *Posso até jurar...*³⁹

Segundo a mesma linha de estudos dos teóricos HALL e LINDZEY sobre a personalidade, tomaremos como apoio a teoria psicanalítica de FREUD, para melhor entender o relacionamento entre Portuga e Zezé.

De acordo com os estudos feitos sobre o desenvolvimento da personalidade, aos cinco anos, segundo FREUD, já se encontra com a personalidade bem formada e aos anos subseqüentes darão a elaboração dessa estrutura básica. No entanto essa personalidade evolui envolvida de tensões. Quanto mais aumenta a tensão, mais a pessoa é obrigada a

³⁹ Idem Ibidem p. 158

desenvolver maneiras para reduzi-la e a *identificação*⁴⁰ é um dos métodos pelo qual o indivíduo aprende a vencer suas frustrações e conflitos.

Esse processo é um ato que na maior parte ocorre de maneira inconsciente, a busca constante de algo nos faz modelar a personalidade. Assim, a *criança descobre outras pessoas com quem se identifica, porque suas condutas estão na linha de seus desejos*.⁴¹ No caso de Zezé, ele viu em Portuga o amigo ideal correspondentemente ao que lhe interessava. Neste caso houve a concretização da identificação porque através de Portuga, Zezé descobriu o carinho e o companheirismo. Em seus diálogos Zezé sempre mostrava apego à pessoa amada. No diálogo a seguir, percebemos que Zezé prefere o amigo do que a família:

... *Aí eu me aproximei bem dele (de Portuga) e encostei minha cabeça junto ao seu braço.*

— *Portuga*

— *Hum...*

— *Eu nunca mais quero sair de perto de você sabe?*

— *Por quê?*

— *Porque você é a melhor pessoa do mundo. ninguém judia de mim quando estou perto de você e sinto um sol de felicidade dentro do meu coração.*⁴²

Diante deste relato, percebemos a transferência de sentimento. Ao final, Zezé conseguiu reduzir parte de suas tensões, passou a sentir-se amado e protegido por Portuga.

Com isso, podemos compreender que a participação deste amigo real na vida de Zezé foi de extrema importância porque ele deixou de sentir-se como “o cão”, “o capeta”, “o gato russo de mau pelo”, muito pelo contrário, conseguiu modelar seu comportamento de acordo com o de Portuga, a ponto de prometer uma mudança em sua vida: *Eu prometo que não falo mais palavrões, nem bunda mesmo. Eu engraxo os seus sapatos, trato dos passarinhos na gaiola. Fico bonzinho de todo. Não vai haver melhor aluno na escola. Faço tudo, tudo direitinho*.⁴³ Esta é uma evidência de que Zezé incorporou em Portuga os aspectos que acreditava ajudá-lo a realizar o ideal desejado.

Mediante todas as mudanças ocorridas na vida de Zezé após conhecer o amigo, percebemos que o carinho e a atenção oferecidos a ele desenvolveu-lhe a auto-estima. Embora Portuga lhe ofereceu uma vida financeira diferente, o que lhe agradava muito, o que mais levou Zezé a sentir vontade de ter um comportamento diferente, foi o companheirismo.

⁴⁰ O termo identificação empregado aqui, é um processo que ocorre quando uma criança identifica-se com animais, caracteres imaginários, objetos ou até mesmo com seres humanos, na tentativa de recuperar um objeto querido ou em busca de afeto.

⁴¹ HALL e LINDZEY. op. cit., vol. 1, p. 37.

⁴² VASCONCELOS, José Mauro de. op. cit., p. 130.

⁴³ *Idem* *Ibidem* n. 152

O relacionamento entre ambos foi completamente satisfatório, sem surras, sem proibições, sem pobreza. Todas as questões que o importunavam foram banidas pelo menos no mundo particular dos dois.

Infelizmente Zezé sofreu duas vezes consecutivas com tristes perdas. Primeiramente, morreu seu grande amigo Portuga, logo, cortaram seu pé de laranja lima. Para ele foram duas perdas irreparáveis. Com Minguinho, aprendeu que a vida tinha um lado mágico, onde ele podia ser feliz, sentir-se seguro e navegar na fantasia com muita ingenuidade. Com Portuga, compreendeu que o carinho e a compreensão eram requisitos básicos para que os seres humanos se relacionassem de forma mutuamente satisfatória. Tudo isso ficou registrado em sua vida, a partir daí, ele podia crescer mais seguro, criar novas relações e dar mais sentido à sua existência, pois havia aprendido a ternura da vida.

Considerações Finais

A análise do personagem protagonista da obra *O Meu Pé de Laranja Lima*, oferece a oportunidade do leitor, de compreender não só o interior de outra pessoa, mas todo o processo de formação do ser em relação principalmente ao comportamento.

Quando nós vemos uma criança muito peralta não paramos para imaginar ou verificar o meio em que esta está inserida, como vai sua família, seus estudos, sua situação financeira, seu desenvolvimento intelectual nem sua convivência em conjunto, e isto é muito pertinente. Vários processos se desenvolvem no ser humano enquanto criança, e é nesta fase que iniciamos a formação de nossa personalidade.

Através do personagem Zezé, o leitor tem a oportunidade de visualizar a plenitude de sua condição, porque ele vive uma situação exemplar, de modo exemplar, porque há uma adesão ao real e assim se espalha no mundo ficcional para compreender os outros e a si mesmo.

Quanto a mim que sou leitora também, este trabalho muito significou, principalmente porque trabalho na área de educação. Pude compreender um pouco sobre a formação da personalidade de uma pessoa. Além de reconhecer a importância que tem uma criança de fantasiar para si um mundo embebido de mágicas. É certo que a ficção é incapaz de reproduzir a vida mas ela dá vida aos personagens de modo que possamos equipara-los a vida real.

Não foi muito difícil abordar essa questão do personagem em relação à teoria, mas tive dificuldade em explorar a obra que analisei devido a escassez de material. Praticamente, não há teóricos que tecem críticas, comentários ou análise sobre *O Meu Pé de Laranja Lima*. Foi um trabalho bastante singular, pois, como comentei anteriormente, essa obra não é considerada uma criação de certo “peso” literário. Também gostei muito do desempenho do orientador para com o orientando, pois ele é precisamente co-autor deste trabalho.

Bibliografia

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. 15 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, p. 13.

BRAIT, Beth. *A personagem*. 6 ed. São Paulo: Ática, 1998.

CADEMARTORI, Lúcia. *O que é Literatura Infantil*. 6 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos*. São Paulo: Cultrix, 2000.

_____. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1970.

HALL, C. Springer. LINDZEY, Gardner. *Teorias da Personalidade*. 18 ed. São Paulo: EPU, 1984.

KHEDE, Sônia Salomão. *Personagens da Literatura Infanto-Juvenil*. São Paulo: Ática, 1991.

LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infanto Brasileira – Histórias e Histórias*. 6 ed. São Paulo: Ática, 1999.

PALO, Maria José. OLIVEIRA, Maria Rosa de. *Literatura Infantil – Voz de Criança*. 3 ed. São Paulo: Ática, 2001.

RESENDE, Vania Maria. *O menino na Literatura Brasileira*. São Paulo: Perspectiva, 1988.

SCHÜLER, Donald. *Teoria do Romance*. São Paulo: Ática, 2001.

VASCONCELOS, José Mauro de. *O Meu Pé de Laranja Lima*. 58 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1989.

VILLA, Marco Antonio. FURTADO, Joaci Pereira. *História do Brasil: Da independência aos nossos dias*. São Paulo: Moderna, 2001.

ZILBERMAN, Regina. *A Literatura Infantil na escola*. 9 ed. São Paulo: global, 1994.